

# Esperança queer na última poesia de Ana Luísa Amaral<sup>1</sup>

Peter Haysom-Rodriguez\*

Universidade de Leeds / ILCML

**Resumo:** Na sequência do falecimento da escritora portuguesa Ana Luísa Amaral (1956-2022), este ensaio analisa os aspetos esperançosos da sua última coletânea poética, *Mundo* (2021). Apoiando-se no conceito *queerente* da própria poeta, e também em diversos comentários de teóricos internacionais acerca do ‘optimismo *queer*’, o presente texto examina três poemas particularmente frutíferos de *Mundo*, concentrando-se nas suas mensagens (quase) positivas. Salienta-se a utilização *irónica* e *não-definitiva* da esperança em Ana Luísa Amaral, com o objetivo de celebrar o seu projeto ético-poético de diversidade sexual e identitária.

**Palavras-chave:** Ana Luísa Amaral, esperança, queerente, poesia

**Abstract:** Following the death of the Portuguese writer Ana Luísa Amaral (1956-2022), this essay analyses the hopeful aspects of her final poetry collection, *Mundo* (2021). Using the poet’s own concept of *queerente* [queerful], alongside several comments made by international theorists regarding ‘queer optimism’, this text examines three particularly relevant poems from *Mundo*, concentrating on their (almost) positive messages. It highlights Ana Luísa Amaral’s *ironic* and *non-definitive* use of hope, aiming to celebrate her ethical and poetic project of diversity in terms of sexuality and identity.

**Keywords:** Ana Luísa Amaral, hope, queerful, poetry

I took my love, I took it down  
I climbed a mountain and I turned around  
And I saw my reflection in the snow-covered hills  
'Til the landslide brought me down  
Stevie Nicks, "Landslide" (1975)

Assim se diz na canção "Landslide", da banda Fleetwood Mac: um dos numerosos epítáfios possíveis para uma professora, escritora e figura incontornável na cultura portuguesa recente – Ana Luísa Amaral (1956-2022). A letra acima indicada exemplifica não só as enormes conquistas profissionais e pessoais de Ana Luísa Amaral mas também, através da imagem de colinas cobertas de neve, a ambiguidade e a indefinição, características essenciais da área teórica preferida desta escritora: a teoria *queer*. Meses depois do seu falecimento, parece-nos um momento oportuno para examinar os aspetos *queerentes* (e, ao mesmo tempo, *esperançosos*) da sua última coletânea poética. Este texto concentrar-se-á, precisamente, no conceito de "esperança *queer*" tal como aparece nos poemas de *Mundo* (2021). Será fundamental salientar (e, desde logo, questionar) os aspetos optimistas dos últimos poemas da autora, sempre na perspetiva da fluidez e da ambivalência da escrita.

A questão da *felicidade* na obra de Ana Luísa Amaral já foi mencionada por alguns observadores. Segundo Ida Alves, existe nesta poesia uma "alegria" que funciona "duplamente": "tanto como força criativa como também domínio de estratégias de escrita que se valiam, muitas vezes, do humor, da ironia, do jogo de citação e da paródia de gêneros" (2023: 10). Por sua vez, os aspetos *queer* dos poemas de Amaral são indispensáveis na criação de espaços *esperançosos*. Maria Irene Ramalho argumenta que, para a escritora, "a poesia é um espaço d[a] mais pura identidade – onde é possível ensaiar diversas identidades", em "lugares privilegiados de inclusão" (2022: s/p). Tais comentários funcionarão como ponto de partida para um estudo focado em *Mundo*.

Simultaneamente, deve-se considerar o papel da não-heteronormatividade no discurso *esperançoso* de Ana Luísa Amaral. Vejamos, por exemplo, as declarações da poeta acerca do pensamento utópico, na sua recolha de ensaios *Arder a Palavra e Outros Incêndios*:

Num mundo ideal, deveria ser dado lugar à expressão total da afectividade e das sexualidades [...], em que as definições que estabelecessem limites entre centros e margens deixassem de fazer sentido. Onde as próprias categorias de identidade sexual e diferença sexual deixassem de ser necessárias [...]. Onde finalmente se pudesse falar de uma escrita e práticas *queerentes* – exercitando-se a utopia, que muitas vezes se revela o espaço do possível. (2019: s/p)

O adjetivo *queerente* esboçado por Amaral é, pois, associado à possibilidade; a uma *certa forma* de esperança que *pode* chegar a ser uma experiência utópica. Curiosamente, Marinela Freitas traduz este vocábulo para inglês como “queerful” (2020: 234-235), o que rima, obviamente, com *cheerful*; estamos, pois, perante um conceito de optimismo *contingente* e *ambíguo*, muito próprio da mundivisão da escritora.

Neste sentido, Ana Luísa Amaral aproxima-se de alguns pensadores fundamentais da teoria *queer*. Por um lado, Michael O’Rourke argumenta que este campo teórico tem possibilitado sempre a esperança, desde as suas origens nos anos 1990: “Queer Theory has [...] been turned towards the future, a theory permanently open to its own recitation, resignification, and revisability; it has always been a hopeful and *hopefull* theory” (2011: 29). Por outro lado, podemos encontrar uma série de pessimismos *queerizantes*, também chamados de perspetivas anti-sociais, que criticam os optimismos ‘falsos’ e até *cruéis* construídos pelo heteropatriarcado (McCann / Monaghan 2020: 206-226).<sup>2</sup> No intuito de resolver este impasse, José Esteban Muñoz defende um projeto utópico ‘crítico’ para a comunidade LGBTQ+ (2009: 116), enquanto Michael Snediker propõe um ‘optimismo *queer*’, concebido de maneira *ambígua*: “Queer optimism [...] is not promissory. It doesn’t ask that some future time make good on its own hopes. Rather, queer optimism asks that optimism, embedded in its own immanent present, be *interesting*” (2006: s/p). Além da sua rejeição do absoluto, e da sua preocupação com o *interessante*, Snediker interroga o próprio conceito da felicidade:

Queer optimism involves a kind of thought-experiment. What if happiness could outlast fleeting moments, without that persistence attenuating the quality of happiness? What if, instead of attenuating happiness, this extension of happiness opened it up to critical investigations that didn’t a priori doubt it, but instead made happiness complicated, and strange? (*Ibidem*)

Desta forma, o optimismo é imbuído de um grau significativo de ambivalência, porosidade e fluidez, elementos que têm estado presentes desde os primeiros momentos da ética e estética *queer* (Jagose 1996: 4) e, evidentemente, da poesia de Ana Luísa Amaral.

A este propósito, podemos identificar numerosos dos seus poemas que estabelecem uma ligação entre a esperança e o pensamento *queer*.<sup>3</sup> No entanto, esta dinâmica é plenamente exemplificada (e também problematizada) nos últimos poemas da escritora. Como se verificará, *Mundo* engloba temas distintos mas interligados nos seus aspetos quase optimistas; a palavra “quase” surge múltiplas vezes, o que reforça a noção do *não-definitivo*. A primeira parte do livro (intitulada “Quase em écloga, gentes”) debruça-se sobre formigas, abelhas, girassóis e outra *flora e*

*fauna* vária, apontando para a “multiplicidade de seres do planeta”, como relembra Rosa Maria Martelo (2021: s/p). Dentro deste quadro, o poema “A pega: as outras cores do mundo” exemplifica uma relação particularmente frutífera entre a esperança e a identidade pessoal (*ambas* instáveis).

Em primeiro lugar, deve-se notar que a escolha deste pássaro para o poema é simbolicamente significativa: no Reino Unido, a pega [*magpie*] é associada a uma certa superstição folclórica. Quando se veem pegas na Grã-Bretanha, costuma-se saudá-las, e contar, segundo a seguinte rima:

One for sorrow,  
Two for joy,  
Three for a girl,  
Four for a boy,  
Five for silver,  
Six for gold,  
Seven for a secret,  
Never to be told.  
(Bird Spot: 2023)\*

Se julgarmos que a poeta portuguesa conhecia este aspeto do folclore britânico (o que é bastante provável), a sua escolha da pega corresponde a uma série de binários: a felicidade versus a tristeza; uma divisão sexual; e uma tensão entre cores, que poderia ser relacionada com a identidade sexual. No poema de Amaral, pretende-se desconstruir cada uma destas dicotomias, revelando ‘o segredo’ que, supostamente, ‘nunca será contado’.

Para tal, a caracterização do pássaro é fundamental, sobretudo no que diz respeito à relação entre a pega e as (diversas) cores. Observe-se o seguinte trecho:

O seu nome não é um nome belo  
como andorinha ou rouxinol,  
que lembram odes e mornas tradições,  
ou como arara, quetzal ou beija-flor,  
nomes felizes com as cores inteiras  
que o olho humano entende  
- e ainda outras  
que as entendem eles

Mas ela, elegante no corpo todo negro, a cauda longa,  
só laivo a branco leve na asa e pelo peito,  
parece que vestiu alta costura

para voar pelos ramos de outono e  
 os telhados das casas  
 que estão perto  
 (Amaral 2022: 1273)<sup>5</sup>

Nestas estrofes, a pega é claramente marginalizada e menosprezada, tornando-se o ‘Outro’ num reino aviário cheio de “nomes felizes”. No entanto, esta marginalidade identitária é atribuída não à diversidade de cores (o que corresponde ao arco-íris LGBT+), mas à *falta* de diversidade. Na verdade, Amaral associa as “cores inteiras” à maioria hegemónica, enquanto o monocromático (branco e negro) se torna a minoria. Tal como a toutinegra, do poema “Christmas carol (adaptada a fábula)” em *E Todavia* (*idem*: 1057-1063),<sup>6</sup> a pega em *Mundo* anseia por ser multicolorida como as suas espécies-irmãs. Para esse fim, ela é obrigada a recorrer a uma forma de travestismo ou performatividade de género (“parece que vestiu alta costura”), para poder funcionar como os outros pássaros (“para voar pelos ramos de outono”). Dito de outro modo, esta pega incorpora uma identidade *queer* invertida.

Estabelecido este paradigma, as últimas estrofes do poema introduzem um (suposto) pessimismo que contradiz os sentimentos esperançosos simbolizados pela pega:

Nestes dias tão magros  
 em que os cavalos de apocalipse e espanto  
 cavalgam livres, trazendo novas pestes, guerras, fomes,

é um prazer de afago

alegria sem nome  
 vê-la todos os dias a voar

equilibrista bicolor,  
 dona do mundo  
 (*idem*: 1273-1274)

Até certo ponto, este fim do poema parece uma mensagem optimista semelhante à de versos anteriores de Amaral, tais como a “pequena anotação / de abrir os olhos e dizer bom dia” em “Pequena ode” (*idem*: 971). No entanto, em “A pega”, o cenário complica-se. Repare-se no vocabulário utilizado: ao contrário da palavra “apocalipse”, o termo “espanto” poderia significar pavor ou assombro/admiração, já com conotações positivas. Paralelamente, um grau de indefinição (sexual) é introduzido com a imagem quase erótica “prazer de afago”, e também com o verso isolado “alegria sem nome” -

ou seja, o *indescritível*, uma característica constante da estética queer e da poética *queerente* de Amaral. Finalmente, observa-se a descrição do pássaro como uma “equilibrista bicolor, dona do mundo”: uma (possível) referência à bissexualidade, que coloca uma criatura *marginalizada* numa posição incontestável de liderança. Trata-se de uma “não-hierarquização dos seres terrestres”, destacada por Martelo (2021: s/p), e de um pós-humanismo simultaneamente otimista e *queerful*.<sup>7</sup>

Numa parte posterior de *Mundo*, aparece “O jogo”: outro exemplo evidente da manipulação irônica da esperança pela poeta. Como sublinha Martelo (*ibidem*), este poema constitui uma referência direta ao filme sueco *Det Sjunde Inseplet [O Sétimo Selo]*, de Ingmar Bergman (1957), que começa com um jogo de xadrez contra o Ceifador para adiar a mortalidade, e conclui com uma dança da morte já inadiável. No seu diálogo esquivo com o Ceifador, o *eu* poético muda de assunto, realçando o otimismo inerente em componentes ínfimas da natureza:

Falaremos [...] de como duas folhas,  
ambas filhas do ramo que as criou,  
são tão diversas entre si quanto filhas humanas,  
em cada uma: irrepetível impressão vegetal

Ou de como a distância que as mantém  
tem uma perfeição tão límpida  
como outras coisas que habitam o universo,  
desde o vazio até ao filamento mais longínquo,  
que de espécie de luz  
há-de ter sido feito  
(Amaral 2022: 1294)

Neste excerto, o sujeito poético encara como ‘perfeita’ a diversidade intrínseca das componentes do universo, do “infinitamente pequeno” à “imensidão do cosmos” (Martelo 2021: s/p). Além disso, a caracterização da iluminação galáctica por Amaral é inerentemente *queer*; a sua alusão a uma “espécie de luz” remete tanto para a esperança como para a *ambiguidade* e a *imprecisão*. É de salientar também que a luz pura, quando refractada, mostra as “cores inteiras” de um arco-íris; será essa a intenção da autora?

Paralelamente, este poema interroga e debruça-se sobre a inevitabilidade da morte. Embora a consciência da mortalidade seja uma questão frequente na obra de Amaral – desde “Testamento”, na sua primeira coletânea (Amaral 2022: 52-53) –, em “O jogo” o *eu* poético negocia diretamente com a morte, tentando atrasar ou fugir ao imparável. Numa frase crucial, porém, afirma: “não sei medir a pausa entre a vida e a morte” (*idem*: 1294). Esta frase ambivalente pode lembrar a angústia de sentir uma

doença potencialmente fatal (o cancro, por exemplo) no corpo, de passar noites nas alas de oncologia do hospital, ao lado de pacientes verdadeiramente moribundos, sem noção dos dias restantes. Trata-se, pois, da indefinição (logo: da *queerização*) da própria mortalidade, tornando o purgatório num espaço *queerente*.

De fato, ao longo do poema, o eu poético nunca consegue afastar a morte por inteiro, recorrendo ao advérbio “talvez” para manter as suas ilusões. Em termos gramaticais, oscila-se entre o presente do conjuntivo (“Talvez eu consiga vitória ocasional, talvez” [*idem*: 1295]), o futuro do conjuntivo (“A cada movimento que ganhares” [*idem*: 1294]) e o futuro do indicativo (“serás”; “aproveitarás” [*ibidem*]), o que alimenta e simultaneamente coloca em dúvida a possibilidade de sobrevivência. Do mesmo modo, o verbo “imaginar” é repetido (*idem*: 1294-1295), representando uma espécie de sonho que se poderia (ou não) tornar realidade: o sonho de não morrer. Curiosamente, o poema acaba com um traço - sinal de pontuação característico de Amaral desde os seus primeiros livros - remetendo para a falta de uma conclusão. Segundo a terminologia musical, poder-se-ia descrever esta técnica como uma cadência interrompida, antes de o Ceifador chegar para tirar a própria poeta do nosso mundo.

Em último lugar, pode-se destacar o poema “Buraco negro: o silêncio do escuro”, que evoca uma visibilidade impossível: a do vácuo e do (literalmente) nada, no contexto da astronomia. É precisamente esta imagem que a primeira estrofe evoca:

Olhar a escuridão  
do não visível,  
imaginá-lo aqui,  
nesta fotografia  
de jornal  
(*idem*: 1329)

Neste trecho, que começa com o verbo “olhar” no infinitivo, o objetivo do sujeito poético parece ser o de *inverter a invisibilidade*, através da iluminação do escuro. Do mesmo modo, a segunda estrofe propõe que o “abismo” seja “agasalhado em lume”: uma imagem esperançosa, sem dúvida, mas que se complica na estrofe seguinte, com as referências niilistas ao “nada” e à “pura escuridão” (*ibidem*). Assim sendo, o leitor enfrenta um vaivém constante entre ilusão e revelação.

Depois, chegamos “nós, borboletas na luz” - uma imagem sublime da individualidade *queerente* e da possibilidade da iluminação - apesar de sermos “ignorantes” da “transparência” que o vidro impõe (*ibidem*). De novo, observa-se a utilização repetida do verbo “imaginar”, que abre espaço para a esperança, sem concretizá-la completamente. Eis, portanto, uma série de contradições; um jogo infinito de luz e sombras que manipula a capacidade humana de permanecer

optimista. Neste poema (que acaba, mais uma vez, com um traço ambíguo), estamos perante a exigência imposta por Snediker, de que o optimismo seja interessante, complicado e estranho. A ilusão e a possibilidade tornam-se, pois, intangíveis, fluidas e - inevitavelmente - *queer*.

Pode-se concluir que a esperança não seria verdadeiramente queer (nem verdadeiramente definidora da poesia de Ana Luísa Amaral), se fosse definitiva. Observa-se um fio esperançoso e optimista em *Mundo*, mas numa dinâmica que não deixa de ser *queerente*; isto é, associada à diversidade sexual e identitária, e com um grau significativo de imprevisibilidade e ambivalência. Nos seus poemas finais, a escritora esboça uma visão do universo que sempre nos fará rir e sorrir, quer pela possibilidade positiva que oferece, quer pela sua simultânea desconstrução irónica. No ambiente mundial em que nos encontramos, repleto de incertezas e esperanças dúbias, faz falta o *queerente*; faz falta o amor; faz falta a Ana Luísa Amaral.

## Notas

\* Peter Haysom-Rodriguez é *Teaching Fellow* (Professor Auxiliar) na Universidade de Leeds, Reino Unido. É licenciado em Espanhol e Português pela Universidade de Cambridge, mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Universidade do Porto, e doutor em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Universidade de Nottingham. A sua tese de doutoramento concentrou-se na relação entre regionalismo e ideologia nos romances de Aquilino Ribeiro, Agustina Bessa-Luís, Lídia Jorge e José Saramago; a sua monografia sobre este tema será publicada em 2024, pela editora Legenda/MHRA. Também tem pesquisado acerca da poesia de Rui Lage e Ana Luísa Amaral (utilizando óticas eco-críticas e *queer*), e sobre a música rap portuguesa. Desde 2019, é colaborador internacional do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), na linha de investigação “Intersexualidades”.

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 - <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>).

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, *No Future: Queer Theory and the death drive* (2004) de Lee Edelman.

<sup>3</sup> Alguns exemplos são “Ode à diferença”, de *Minha Senhora de Quê* (1990), e “Pequena ode, em anotação quase biográfica”, de *É Todavía* (2015).

<sup>4</sup> Tanto quanto se sabe, a versão mais antiga deste poema data do livro *Observations on the Popular Antiquities of Great Britain* (1780), de John Brand.

- <sup>5</sup> Todas as minhas citações dos poemas de Amaral procedem da edição da sua obra poética completa, *O Olhar Diagonal das Coisas* (2022).
- <sup>6</sup> Gostaria de agradecer a Marinela Freitas esta comparação.
- <sup>7</sup> A este propósito, *vide* a tese de doutoramento de Inês Moreira Lima, *The Poetry of Ana Luísa Amaral: an intertextual, queer and ecocritical approach* (2019).

## Bibliografia

- Alves, Ida (2023), “Da alegria na poética de Ana Luísa Amaral”, *Colóquio/Letras*, nº 212: 9-18.
- Amaral, Ana Luísa (2019), *Arder a Palavra e Outros Incêndios*, Rio de Janeiro, Oficina Raquel [livro eletrónico] [2017].
- (2022), *O Olhar Diagonal das Coisas*, Porto, Assírio & Alvim.
- Bergman, Ingmar (1957), *Det Sjunde Inseplet*, Estocolmo, Svensk Filmindustri.
- Bird Spot (2023), “One for sorrow... Magpie nursery rhyme”, <[www.birdspot.co.uk/culture/one-for-sorrow-magpie-nursery-rhyme](http://www.birdspot.co.uk/culture/one-for-sorrow-magpie-nursery-rhyme)> (último acesso em 27/4/2023).
- Freitas, Marinela (2020), “‘Neither man nor woman’: Ana Luísa Amaral’s queerful poetics”, *Portuguese Studies*, vol. 36, nº 2: 220-236.
- Jagose, Annamarie (1996), *Queer Theory: an introduction*, Nova Iorque, New York University Press.
- Lima, Inês Moreira (2019), *A Intertextualidade Ecofeminista e Queer na Obra de Ana Luísa Amaral* [tese de doutoramento], Dartmouth, MA, UMass Dartmouth.
- Martelo, Rosa Maria (2021), “Lançamento de «Mundo», de Ana Luísa Amaral”, <[www.youtube.com/watch?v=4hWg9\\_UZblk&t=1835s](http://www.youtube.com/watch?v=4hWg9_UZblk&t=1835s)> (último acesso em 25/4/2023).
- McCann, Hannah / Monaghan, Whitney (2020), *Queer Theory Now: from foundations to futures*, Londres, Red Globe Press.
- Muñoz, José Esteban (2009), *Cruising Utopia: the then and there of queer futurity*, Nova Iorque, New York University Press.
- Nicks, Stevie (1975), “Landslide”, in *Fleetwood Mac*, EUA, Reprise Records.
- O’Rourke, Michael (2011), “The afterlives of queer theory”, *Continent*, vol. 1, nº 2: 102-116.
- Ramalho, Maria Irene (2022), “‘Ana Luísa Amaral: poesia e mundo’: ponencia inaugural de la jornada de estudio. *Ana Luísa Amaral: poesia e mundo*”, <[www.youtube.com/watch?v=7humyNr7ihU&t=224s](http://www.youtube.com/watch?v=7humyNr7ihU&t=224s)> (último acesso em 26/4/2023).
- Snediker, Michael (2006), “Queer optimism”, *Postmodern Culture*, vol. 16, nº 3 <[muse.jhu.edu/pub/1/article/205263](http://muse.jhu.edu/pub/1/article/205263)> (último acesso em 25/4/2023).